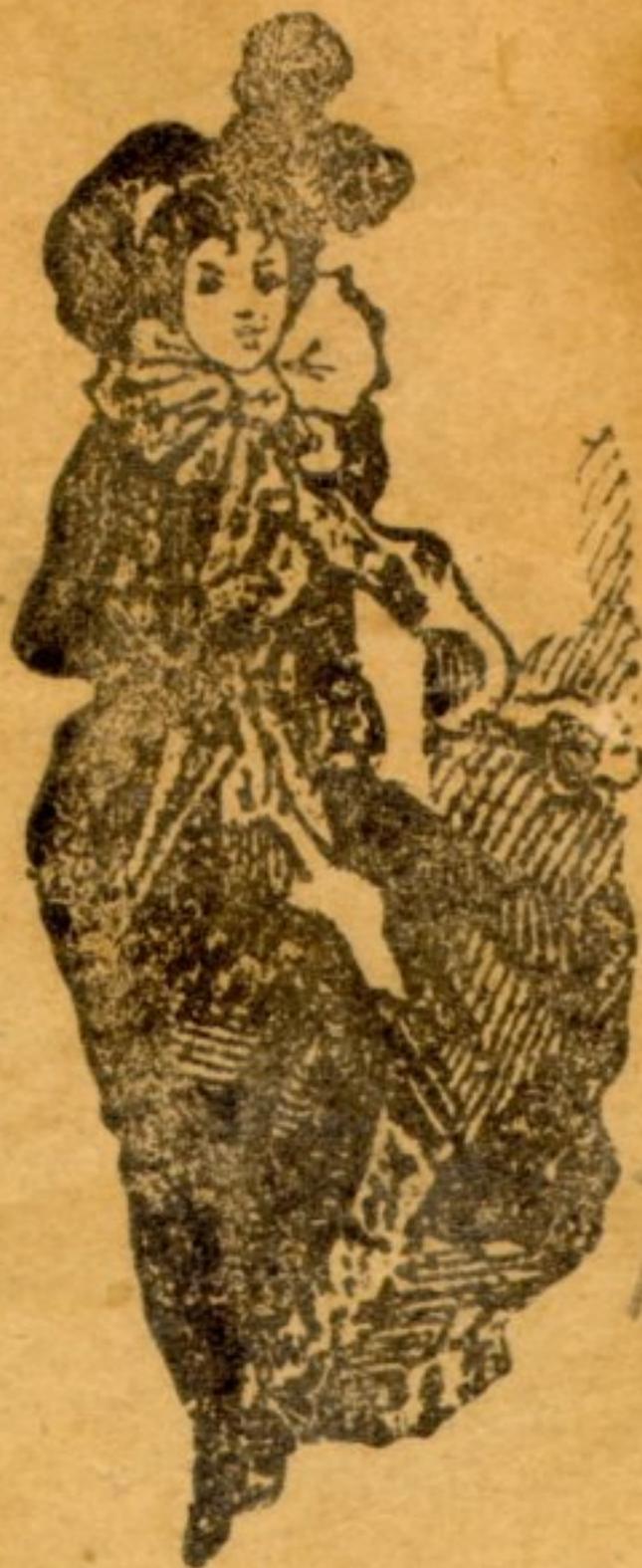


Barros Luma

Leandro Gomes de Barros

AS SAIAS CALÇÕES

UM SUSTO DE MINHA SOGRA



Recife - Rua do Alecrim n. 38 E

A VENDA

1911

*Pracheta Helena de*

Rachel e Leixa  
de Barros Lima



2  
I

## AS SAIAS CALÇÕES

O mundo está as avessa,  
As cousas não vão de graça,  
E nem raspando bigode  
E mulher vestindo calça,  
Isso é um pão com formiga,  
Um banheiro com fumaça.

Depois que veio essa moda  
De mulher botar chapéo,  
Pegou a faltar a chuva,  
Secaram as nuvens no céu,  
Os pobres paes de familia  
Estão soletrando charéo.

As mulheres que só vivem  
A sondar a invenção,  
Acharam que estavam bem  
Inventando cinturão,  
Com pouco mais ellas andam  
Com cartucheira e facão.

Além da tal pulseira  
Com que vivem algemadas,  
Chegaram ás saias pamonhas,  
Com essas vivem peiadas,  
Agora as saias calções  
Chegaram mesmo damnadas.

Procuro um geito nellas  
De forma nenhuma acho,  
São botões como diabos  
Desde cima até em baixo,  
Estando mulheres e homens  
Parece ser tudo macho.

Hontem vi duas mulheres  
Que estavam em discussão,  
Sobre a crença do paiz  
Fanatismo e corrupção,  
Uma perguntou a outra  
Já vistes saia calção ?

E apois minha visinha  
Disse a outra admirada,  
São cousas de fim do mundo,  
Bem disse frei Panellada  
Que ainda chegava tempo  
De agente viver peiada.

Mas a visinha disse a outra :  
Isso me faz confusão,

Não ha' quem ache bonito  
Esta tal saia calção,  
Quem morrer vestida n'ella  
Não alcança salvação.

Ora ! vizinha ! isto é nada,  
Tndo ha de se acostumar,  
A questão é uma rica  
Fazer uma e passeiar,  
Com pouco mais até freira  
Faz tambem e pega andar.

Hontem morreu uma velha  
E não quiz a confissão,  
Disse ao filho antes da morte,  
Para mim não faça caixão  
E quero em vez de mortalha  
E' uma saia calção.

Dizia frei Ribingudo,  
Hontem, pregando um sermão,  
Deus filhos creiam por Deus  
Que eu digo de coração,  
Só queria ser mulher,  
Para botar saia calção.

Dizia na confissão  
A freira Chica Bazar,  
Eu prefiro até fugir,  
Se quizerem me empatar,

Mas, uma saia calção,  
Eu não deixo de botar.

Dizia : Joanna padeira,  
Mulher de Felippe pão,  
Meu velho na padaria  
Não ganha mais um tustão,  
Mas, embora, venda o forno  
Dá-me uma saia calção.

Uma velha andava aqui  
Escorada n'um bastão,  
Pedindo por caridade  
Em toda porta um tustão,  
Para inteirar o dinheiro  
De uma sainha calção.

Hontem um conductor me disse  
Que o chefe da estação  
Disse a elle que o inglez  
Quer por uma obrigação  
Que os conductores e fiscaes  
Andem com farda calção.

Não sabemos o bispado  
Ahi o que determina,  
O bispo escreveu ao papa,  
E não sei se elle combina  
Para os vigarios botarem  
Calção em vez de batina.

Tanto que eu hontem fallando  
Aqui com o meu visinho,  
Disse erle a mulher,  
Ficava até bonitinho  
Freira com saia calção  
E padre com lascadinho.

Morreu agora uma velha  
N'uma cachaça medonha,  
As filhas enterraram ella  
Vestida em saia pamonha,  
Foi ao céo, S. Pedro disse :  
— por ali ! sem vergonha.

Você com saia pamonha  
Vem procurar salvação ?  
Não tinha lá outras modas  
De mais apreciação ?  
Para que não veio com uma bata  
Ou uma saia calção ?

Um sertanejo ja velho  
Veio a praça, desta vez  
Viu um maniquim vestido,  
Disse-lhe um homem não vez ?  
Aquillo é saia calção,  
Se vende a qualquer freguez.

O velho se aproximando  
Disse muito admirado :

Este diabo é o cão  
Que está todo abotuado,  
Credo em cruz, Ave Maria,  
Dou-te figa condemnado.

Disse a modista da loja,  
Se quer comprar venha ver,  
O sertanejo espantado,  
Entenden ella dizer,  
Se quizer venha para perto  
Que eu o pego e o vou vender.

Disse o velho; eu sou de Deus  
E do inimigo fujo,  
Valei-me meu padre Cicero  
E Maria de Araujo,  
Isto aqui é o inferno,  
Aquelle bicho é o sujo.

A franceza disse a elle,  
Entre na loja patrão,  
O senhor trará medida  
Para fazer saia calção?  
O velho pulou de um lado  
E puxou pelo facão.

Entenden ella dizer,  
Oh! seu homem do sertão  
Se quer levar esse bicho  
Entre e bote no calção,

O velho sahiu damnado  
Quasi morre de paixão.

Foi e disse ao padre Cicero,  
Meu padrinho estou assombrado,  
Fui agora no Rucife  
Ou que lugar desgraçado  
Fui ao inferno e lá vi  
O diabo abotuado.

E a mãe do desgraçado  
Fez-me tal perseguição,  
Então estava me illudindo  
Para eu trazer o cão,  
Me mandando eu medir elle  
E botal-o no calção.

Eu chamei por vmcê,  
E corri do desgraçado,  
Elle ficou hem na porta,  
Com cada um olho vidrado,  
Só não pegou-me por es tar  
Com o vestido apertado.

Então disse o padre Cicero,  
Foi sua superstição,  
Aquillo é um manequim,  
Não pode fazer acção,  
Isso se chama reclame  
Para tal saia calção.

Até a mãe do diabo  
Fez uma revolução,  
Disse ao diabo meu filho :  
Eu dou-te meu coração,  
Embora vendas o inferno  
Dá-me uma saia calção.

Nós vendendo nossa caza  
Ficamos morando atôa,  
Não ter aonde se more  
Não ha cousa que mais dôa  
Porem a saia calção,  
E' tão bonita ! é tão bôa !

Dizem que até nos conventos  
Apparece uma visão,  
Uma freira sem o habito,  
E um frade em camisaõ  
Pedindo que tirem-lhe os ossos  
Vistam-lhe saia calção.

---

### Um susto de minha sogra

Disse a velha minha sogra  
Que deitou-se foi dormir,  
Assustou-se por ouvir  
Um estrondo que a ergueo,  
Ella disse foi o céu,

Que cahio nesse momento,  
Mas não... tinha sido um «vento»  
Que o valho meu sogro deo.

A velha prezenciou  
Um tremor em toda terra,  
E soar como uma serra  
Que vinha-se desabando,  
Uma fumaça amarella  
Damnada para feder,  
O povo todo a dizer :  
O mundo vem se arrazando.

As familias assustadas  
Abriram suas janellas,  
Nos quartés as sentinellas  
Em alvoroço bradavam,  
Foi a maior scena vista  
Entre todos os horrores,  
Os cães aos pés dos senhores  
Tremeendo de medo uivavam.

O delegado d'ali  
A meu sogro interrogando,  
Meu sogro disse zombando  
Que aquillo não era nada,  
Era o povo ignorante,  
Que aquelle alarme fazia  
Ali ninguem conhecia  
Efeito de panellada.

Disse que a tarde comprou  
O fato de um novilhote,  
E a banda de um garrote,  
Dose kilos de toucinho,  
Isso tudo de uma vez  
Foi apenas o que comeu,  
No fim da meza bebeu  
Feito uma soupa o caldinho.

E nossa felicidade  
Foi isso não ter se dado  
Em Maio do anno passado  
Antes de vir o cometa,  
Tudo julgava que o mundo  
Se acabaria em geral  
Aquillo fosse signal  
Da quéda de algum planeta.

Tanto que a velha me disse:  
Ah meu genro eu sou casada  
Com uma peça tão damnada,  
Que atirando o chão se ergue  
Da estrondos a meia noite  
Maior que um torpedo,  
Tanto que vivo com medo  
Aquelle mal não me pegue.

"Cometa Haley". Maio, 1910

14.9.63

*Haley*



## A DEFESA DA AGUARDENTE

(REPRODUÇÃO)

Todos fallam da aguardente,  
Eu não digo nada d'ella,  
Até hoje tenho dito  
E' bebida muito bella,  
E que diversos prodigios,  
Se tem encontrado n'ella.

Quem está quilotado,  
Bebe a toda hora,  
Alguem a adora,  
Com grande cuidado,  
No templo sagrado  
Ella está presente  
E o padre sente  
O cheiro de lá  
Ella sempre está  
No quengo da gente.

A mulher vê eu beber,  
Fica um pouco impaciente,  
Eu pergunto, minha velha  
P'ra que se fez aguardente?

Só não bebe quem morreu  
Ou quem é muito innocente.

Meu sogro nasceu  
Na distillação,  
E n'um garrafão  
Sua avó morreu,  
Um seu tio bebeu  
Até se acabar,  
Deixou de tomar,  
Na hora da morte,  
Eu que sou tão forte,  
Sou quem vou deixar?

Posso intrigar-me com tudo,  
Como dizia meu sogro,  
Porém deixar de beber?  
Não deixa a páo nem a fogo  
Todo homem tem um vicio  
E todo vicio é um jogo.

Se quer me deixar,  
Isso pouco importa,  
Uma fecha a porta,  
Outra manda entrar,  
Se uma me odiar,  
A outra me adula,  
Uma diz: não bulla,  
Grita a outra: quebre,  
Diz uma: não bebe,  
Diz a outra: engula.

E visto eu ser d'esta fôrma  
Deixo o que! deixo lá nada!  
Sou devotô ha muito annos  
Da gostosa immaculada,  
Quem dá-me um conselho desse,  
Não pôde ser camarada.

Se algum desordeiro,  
Censurar a mim,  
Eu pergunto assim:  
Custou seu dinheiro?  
Se sou cachaceiro,  
Fico muito bem,  
Não insulto a ninguém,  
Pôde se damnar,  
Bebo até deixar,  
Não dou a ninguém.

Conheço um homem illustrado,  
Que presume ter capricho,  
Lava a bocca de manhã  
Com agua que mata o bicho,  
Quantas vezes os personagens,  
Têm feito cama no lixo?

Eu fallo a verdade,  
Gosto de aguardente,  
E principalmente  
Daquella que arde,  
Então toda tarde

E' garrafa e meia,  
Bem cedo uma cheia,  
A' noite outro tanto,  
Me deito no canto,  
Estou prompto de ceia.

O velho meu bisavô,  
Era grande portuguez,  
Morreu com cento e dous annos,  
Tinha cem de embriaguez,  
Nunca houve quem o visse  
Sem estar no porre uma vez.

Minha bisavó,  
Tinha uma tabella,  
Enchia uma tigella  
E bebia só,  
Até minha avó  
Que era innocente,  
Ficava imprudente  
Com leite ou garapa,  
Só comia papa  
Feita na aguardente.

Minha sogra, essa bebia,  
Mas não era viciada,  
Bebia n'uma semana,  
Pouco mais d'uma canada,  
Muitas vezes só bebia,  
Emquanto estava acordada.

Só bebia em conta,  
Sabia beber,  
Nunca pude vê-la,  
Com a cabeça tonta,  
Vivia na ponta  
E se conservava,  
Tudo a respeitava  
E sempre bebia,  
Era raro o dia  
Que se embriagava.

Meu sogro tomava um copo,  
Antes de se levantar,  
Depois de seis horas,  
Depois de almoçar,  
Um copo de meio-dia,  
Um, dous ou tres no jantar.

Depois que comia,  
N'ella não tocava,  
Depois que cejava  
Era que bebia,  
Vezes repetia,  
Antes de dormir,  
Bebia ao sahir  
Para ver a lua,  
Mas fóra da rua?  
Nunca o vi cahir.

Eu me previno com ella,

Tenho medo do chão duro,  
Pois nunca vi um propheta,  
Que acertasse o futuro,  
Nem creança que não brinque,  
Nem cachaceiro seguro.

Vai se equilibrando,  
Como quem aprende,  
Aguardente pende,  
Vai elle tombando  
E desaprumando  
Está sem remissão,  
N'um camaleão  
Ou n'uma barreira,  
Levanta poeira,  
Escavaca o chão.

